

Moderados não se empolgam por Ulysses

Desde a semana passada, o candidato do PMDB à Presidência da República, Ulysses Guimarães, disparou ligações telefônicas para os gabinetes dos parlamentares da ala moderada do partido sem encontrar ninguém. Seu projeto é reconquistar para a campanha esse grupo que, junto, pode representar cerca de dois milhões de votos. Mas não está encontrando sucesso. Alguns, como Nyder Barbosa, simplesmente mandam dizer que não estão; outros, como Délio Bráz, procurado duas vezes, não foi encontrado, nem interessou-se em retornar a chamada.

Por esses dois exemplos, o presidente e candidato do PMDB já apurou que terá grandes dificuldades de cortejar o grupo moderado, que não aceita o nome de Ulysses sob hipótese nenhuma. Ou melhor, o ministro Roberto Cardoso Alves estabeleceu dois pontos fundamentais para ouvir a proposta de reconciliação: o presidente José Sarney será inatacável na campanha, e seus ministros necessários no palanque. Ele ainda exige uma reparação pública das ofensas que o vice da chapa, Waldir Pires, desfechou contra essa ala peemedebista.

O único a aplaudir a idéia de reconciliação, achando que sem a união do PMDB esgotam-se as chances do candidato do partido chegar ao segundo turno nas eleições de novembro, foi o deputado Francisco Carneiro (PMDB-DF). Todavia, colegas do grupo moderado condenaram sua postura com veemência, prometendo cobrar dele por isso numa das próximas reuniões das quartas-feiras.

Ulysses não está apenas telefonando aos deputados. Ele despachou um interlocutor categorizado para o gabinete do ministro do Desenvolvimento da Indústria e do Comércio com a missão de reconquistar Roberto Cardoso Alves, ou, pelo menos, anotar as condições em que poderiam voltar a conversar. Não deu sequer para iniciar a conversa. A resposta foi taxativa:

“Se o Waldir Pires nos pedir desculpas, a gente conversa. Agora, quem injuria, tem que se retratar”, disse Robertão, lembrando ao emissário que o grupo moderado não está preocupado com a candidatura do PMDB, entendendo que foi marginalizado, hostilizado e repudiado nos momentos mais importantes das disputas internas dos últimos tempos. Depois, acrescentou, “o erro do Waldir Pires foi pensar que a eleição estava ganha, e agora eles viram que o buraco é mais embaixo”.

No mesmo tom de repúdio, assinou o deputado Délio Bráz que toma como brincadeira de Ulysses a idéia de reconquistar o grupo moderado. Ele foi procurado duas vezes pelo candidato do PMDB, mas não estava no gabinete. Todavia, acha que se tivessem conversado, aconselharia o dr. Ulysses a sair do páreo, porque ele está colocando o PMDB numa posição vexatória, sem aceitação popular:

“Eu não voto no Ulysses porque ele está ultrapassado, não tem condições de administrar o Brasil e já provou isso na prática, por um ano, quando nomeou gente, demitiu, vetou nomes. Só gosta de decidir com meia dúzia de integrantes da turna do poire, ignora as demais lideranças e até pessoas que lhe foram úteis politicamente”, disse ainda Délio Bráz, para quem o “presidente do PMDB era muito bom para pregar a democracia, porque isso é fácil, difícil é praticá-la”, lembrou.

Até o ministro da Educação, Carlos Sant’Anna, que não tem o hábito de trocar hostilidades com as demais facções do PMDB, costuma dizer que em relação à candidatura do Ulysses sente-se à vontade para não apoiá-la: “Foi ele quem não nos quis”. Aliás, o ministro acrescenta que cinco nomes não emplacam de jeito nenhum dentro do grupo moderado: Collor, Covas, Lula, Brizola e Ulysses Guimarães.

Apesar de reconhecer o direito dos colegas moderados se engajarem na campanha dos candidatos preferidos de suas bases, Sant’Anna tem sido uma voz preponderante na defesa da tese de que o grupo se mantenha unido, porque só desse modo não se enfraquecerá. E isso, lembra, nada tem a ver com sucessão presidencial. “A verdade é que juntos temos dois milhões de votos e ninguém joga fora um manancial desses”, diz.

O deputado Jorge Viana avisou aos moderados que a chapa Ulysses-Waldir não terá seu apoio em hipótese alguma.